

# INTERSECÇÕES E VULNERABILIDADES: TRAVESTIS E HOMOSSEXUAIS NAS PÁGINAS DO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA (1980-1981)

*INTERSECTIONS AND VUNERABILITIES: TRAVESTIS AND HOMOSEXUALS IN  
THE PAGES OF THE NEWSPAPER DIÁRIO DA BORBOREMA (1980-1981)*

*INTERSECCIONES Y VUNERABILIDADES: "TRAVESTIS" Y HOMOSEXUALES  
EN LAS PAGINAS DEL PERIÓDICO DIÁRIO DA BORBOREMA (1980-1981)*

Bruno Silva de Oliveira<sup>1</sup>

Dra. Manuela Aguiar Damião de Araújo<sup>2</sup>

## Resumo

É grande a veiculação e importância atribuída ao desenvolvimento intelectual das regiões Sul e Sudeste, com destaque às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O que isso impacta na história desses (as) sujeitos (as)? Com o objetivo de contribuir para a descentralização desses estudos, este artigo, que deriva de nosso trabalho de monografia, irá analisar duas matérias que fazem menções a homossexuais e travestis que foram publicadas no jornal *Diário da Borborema* nos anos de 1980 e 1981, fundado na cidade de Campina Grande – PB em 1957, pelo senador à época Assis Chateaubriand. Dessa forma, observaremos como a ditadura civil-militar em sua fase de “redemocratização” (CORDÃO, p. 16, p. 2018), dificultou a vida desses indivíduos a partir de uma análise interseccional a fim de analisarmos as violências de que foram alvos.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade; homossexuais; travestis; Diário da Borborema.

## Abstract

There is great publicity and importance attributed to the intellectual development of the South and Southeast regions, with emphasis on the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. What does this impact on the history of these subjects? In order to contribute to the decentralization of these studies, this article, which derives from our monograph work, will analyze two articles that mention homosexuals and transvestites that were published in the *Diário da Borborema* newspaper in 1980 and 1981, founded in city of Campina Grande – PB in 1957, by the senator at the time Assis Chateaubriand. In this

.....

1. Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, brunosilvalorde@hotmail.com;
2. Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Pesquisa sobre literatura, gênero e mídia, aguiarmanuela4@gmail.com.

way, we will observe how the civil-military dictatorship in its “redemocratization” phase (CORDÃO, p. 16, p. 2018), made life difficult for these individuals based on an intersectional analysis in order to analyze the violence they were targeted.

**Keywords:** Intersectionality; homosexuals; transvestites; Diário da Borborema.

### Resumen

Es de gran importancia y difusión el desarrollo intelectual de las regiones Sur y Sudeste, especialmente las ciudades de São Paulo y Río de Janeiro. ¿Qué impacto tiene esto en la historia de estas personas? Con el fin de contribuir a la descentralización de estos estudios, este artículo, que se deriva de nuestra monografía, analizará dos artículos publicados en el periódico Diário da Borborema en 1980 y 1981, que hacen mención a los homosexuales y travestis. El periódico fue creado en la ciudad de Campina Grande - PB en 1957, por el senador de la época Assis Chateaubriand. Así, observaremos cómo la dictadura cívico-militar en su fase de “redemocratización” (CORDÃO, p. 16, p. 2018), dificultó la vida de estos individuos desde un análisis interseccional para analizar la violencia que han sufrido.

**Palavras chave:** Intersecciones; homosexuales; travestis; Diário da Borborema.

Ao longo da década de 1970 houve uma quantidade significativa de produções que discutiam sobre sujeitos considerados minoria, bem como gênero e sexualidade no campo da História a partir da abertura de novos campos de investigação (Mesquita SAMARA; Silveira TUPY, 2010). Ainda nesse período, houve mudanças no trato das fontes, como é o caso do jornal que começa a ser visto enquanto objeto de pesquisa (Regina DE LUCA, 2010). Pesquisadores e pesquisadoras têm se debruçado não apenas sobre a História do Movimento LGBT no Brasil, como em narrativas que versam sobre esses sujeitos nos mais diversos contextos e aportes teóricos. No que tange à história do movimento, apesar de não ser exclusividade desse tema, é grande a veiculação e importância atribuída ao desenvolvimento intelectual das regiões Sul e Sudeste, com destaque às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O que isso impacta na história desses (as) sujeitos (as)? A difusão de obras que acabam conquistando visibilidade e tornando-se referência pode contribuir com narrativas limitadas e que não atendem às especificidades de determinados (as) sujeitos (as) e regiões, mesmo que elas sejam mínimas e com muitas semelhanças.

Com o objetivo de contribuir para a descentralização desses estudos, este artigo, que deriva de nossa monografia<sup>3</sup>, irá analisar duas matérias que fazem

.....

3. Monografia para a conclusão do curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, *Práticas repressivas e resistências das homossexualidades nos discursos do jornal Diário da Borborema na cidade de Campina Grande (1975-1982)*, 2020;

menções a homossexuais e travestis que foram publicadas no jornal *Diário da Borborema* nos anos de 1980 e 1981, primeiro jornal diário fundado na cidade de Campina Grande em 02 de outubro 1957, pelo então senador paraibano Assis Chateaubriand (1892-1968), e pertencente ao seu conglomerado midiático Diários Associados. Dessa forma, observaremos como a ditadura civil-militar<sup>4</sup> em sua fase de “redemocratização”, a qual teria sido conservadora (Sousa CORDÃO, p. 16, p. 2018), dificultou a vida desses indivíduos. Neste sentido, é importante uma análise interseccional a fim de analisarmos as violências de que foram alvos para, enfim, nos contrapor a algumas produções. Como discutem as autoras e feministas negras Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, no livro *Interseccionalidade* (2021), a interseccionalidade assume diversas formas a partir de contextos e problemas que se insere e analisa. Assim, a intersecção perpassa toda a nossa discussão ao situarmos o espaço geográfico de análise, a sexualidade e a classe desses (as) sujeitos (as).<sup>5</sup>

O termo interseccionalidade foi cunhado pela afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, a qual possui formação na área do Direito, em 1989, ao escrever *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*, para tratar do caso de trabalhadoras da empresa General Motors que, ao denunciarem a dupla violência a que eram submetidas de raça e gênero, não foram ouvidas, ainda na década de 1970. Se faz importante ressaltar que práticas interseccionais são anteriores a cunhagem do conceito, como é o caso de Sojourner Truth, a quem é creditada o pioneirismo do feminismo negro interseccional ao proferir o discurso *Eu não sou uma mulher negra?*, em 1851, onde articula raça, classe e gênero. No Brasil podemos encontrar análises interseccionais ainda na década de 1970 com produções de Lélia Gonzales, ao articular racismo, sexismo e classismo.

.....

4. A opção por fazer uso do conceito ditadura civil-militar se deu muito em virtude de apontar as participações de civis em violências cometidas contra homossexuais. Por meio do material analisado encontramos a ação dupla da polícia e militares para reprimir esses sujeitos, são ações que interagem entre si quando ambos os setores compartilham de ideais conservadores no que tange a sexualidade, e que são legitimados pelo regime ditatorial que prega um nacionalismo da boa moral e bons costumes;
5. Em virtude da fonte aqui utilizada, jornal, não foi possível realizar uma discussão profunda onde a raça se fizesse presente. Entendemos que essa limitação da fonte, em não trazer elementos que nos permitisse identificar a raça dos sujeitos mencionados em suas matérias, tem impacto em nossas análises ao nos impossibilitar discussão tão importante. A discussão aqui realizada, bem como a fonte analisada, faz parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento o qual terá utilização de outras fontes, como é o caso do material coletado a partir de entrevistas, onde pretende-se suprir a necessidade da inclusão da raça dentro dos debates realizados.

A categoria analítica conquistou o âmbito acadêmico no início dos anos 2000 e seu uso por acadêmicos (as) tem gerado grandes discussões. Carla Akotirene, em seu livro que sistematiza o conceito, *Interseccionalidade* (2019), pontua os maus usos, nesses espaços quando destaca que incluiriam o masculino e feminino dentro de superinclusões. Ou seja, as especificidades dos corpos femininos não seriam levadas em consideração. O problema da superinclusão e da subinclusão, que também se faz necessário destacar, encontra-se presente na produção da Kimberlé Crenshaw, “Em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível” (Kimberlé CRENSHAW, 2002, p. 176).

Nesse sentido, podemos pensar em como a popularização de determinadas obras, tais quais *Devassos no Paraíso* (2018), de João Silvério Trevisan, e *Além do Carnaval* (2019), do historiador James N. Green, contribuem para a construção de narrativas superinclusivas, como é o caso de pensarmos a maior liberação sexual vivenciada no Brasil no período da ditadura apontada por estes e chamada por João Silvério Trevisan de *desbun guei* (2018). A popularização dessas obras construiu uma visão de uma história desses (as) sujeitos (as) a nível nacional sem dar conta de sua diversidade e experiências. Apesar das semelhanças, possuem suas divergências e contribuem com perspectivas que categorizam a ditadura brasileira como “menos pior”, como nos diz o historiador Guilherme Rodrigues Passamani (2010) ao destacar que a ditadura argentina (1976-1983) teria sido, de algum modo, “mais eficaz” em repressões contra homossexuais e travestis por existirem leis com claras menções a estes (as). Ora, sabemos que no Brasil estes (as) sujeitos (as) também foram alvo de fortes repressões quando atestamos em diversas pesquisas, e nas matérias jornalísticas a serem discutidas aqui, que houve a utilização de leis e mecanismos para tais repressões como é o caso de leis de repressões contra a vadiagem onde, posto em prática, enquadrava-se qualquer um (a) que os órgãos de vigilância/repressão e o Estado quisessem.

O que queremos dizer com isso não é que essas obras não tenham importância, grandes contribuições ou que a pretensão delas fossem, conscientemente, criar uma superinclusão e colocar a diversidade das vivências em nosso país sob um guarda-chuva anulando as diferenças. A questão aqui é que essas obras versam sobre grandes centros urbanos e homogeneizam determinadas experiências, contribuindo com a

construção de histórias e perspectivas universalizantes. E, por isso, a fomentação de novos trabalhos devem ter o cuidado de não reproduzir tais concepções e compreender que as experiências são diversas mesmo que estes (as) sujeitos (as) estejam situados num mesmo espaço geográfico, por exemplo. É importante que novas produções evidenciem a pluralidade que é a história destes (as) no Brasil.

É notório que a conquista de espaços de consumo só atende as necessidades de um público LGBTQI+ que dispõe de acesso e meios econômicos favoráveis e que a parcela pobre não fará igual uso. É notório que uma maior visibilidade LGBTQI+, no sentido de maior aceitação ou maior liberação, ainda é restrita a sujeitos (as) que se enquadram dentro de uma perspectiva normalizadora. E aqui estamos falando de homens cis gays e mulheres cis lésbicas que, apesar de também serem vítimas de violências devido sua sexualidade dissidente, podem vir integrar esse regime de aceitação. O que não ocorre com pessoas trans e travestis. A pedagoga, mulher travesti e negra Letícia Nascimento discorre, em seu livro *Transfeminismo*, sobre dificuldade de:

[...] homens e mulheres cis brancos, negros e com tantos outros marcadores reconhecer que as materializações de gênero performadas por mulheres transexuais e travestis possam estar nas lutas feministas ou ser reconhecidas dentro das mulheridades e feminilidades” (NASCIMENTO, 2021, p. 52).

Ou seja, as formas de organização de sujeitos (as) em movimentos sociais, com perspectivas totalizantes de modo a se voltar para a superinclusão, se traduz em violência contra aqueles (as) que não dispõe de espaço para suas reivindicações. Assim, pessoas trans e travestis, por exemplo, se veem diante de uma situação onde pessoas cis brancas, negras, gays e etc. não as (os) veem enquanto indivíduos (as) dignos de luta.

Apesar dos apontamentos de Carla Akotirene, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge realizam uma análise mais complexa acerca da utilização em meios acadêmicos e ressaltam a importância da investigação e a práxis de forma articulada com o compromisso da justiça social. Nas palavras das autoras:

Acadêmicos e acadêmicas de muitas disciplinas e campos interdisciplinares agora usam a interseccionalidade como ferramenta analítica para repensar questões e instituições sociais importantes. Atualmente, existem muitas abordagens

interseccionais diferentes, cada qual adaptada a perguntas, histórias e caminhos específicos do campo em questão. Não existe uma estrutura interseccional a ser aplicada a todos os campos. Ao contrário, cada campo acadêmico de estudo aborda diferentes aspectos da interseccionalidade em relação a suas preocupações específicas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 64)

Dessa forma, articular a discussão de dissidências sexuais e ditadura civil-militar, aqui proposta, é recontar uma história que foi dita de forma excludente e inserir na historiografia elementos que se fizeram presentes, mas que foram invisibilizados (Rodrigues PASSAMANI, 2010, p. 2). Trata-se, portanto, de um acerto de contas, ou, como disse Chimamanda Ngozi Adichie, as histórias importam, muitas histórias importam (Ngozi ADICHIE, 2019, p. 32).

Portanto, o texto a seguir analisará matérias veiculadas no jornal *Diário da Borborema* que fazem menções a travestis e homossexuais. Discutiremos sobre as violências que foram alvo e que não foram denunciadas pelo veículo de informação, este contruindo cenários e situações que respaldassem tais acontecimentos. Daremos destaque às primeiras matérias publicadas neste jornal que foram encontradas dentro do recorte da pesquisa: 1975-1983 por fazerem menções a morte destes (as). Casos narrados fora da cidade de Campina Grande – PB<sup>6</sup>.

### **O caso de Emanuel Dias Fernandes, assassinado na cidade de Recife – PE**

Publicada no dia 27 de agosto de 1980 a matéria discorre sobre um crime ocorrido na cidade de Recife – PE. A escolha desta matéria para nossa discussão se deu por ela ser a primeira, e única no ano de 1980, encontrada na fonte que noticia o assassinato de um indivíduo com prática sexual dissidente, neste caso um homossexual. Sob o título “Médico paraibano acusado de morte de homossexual”, o pequeno texto encontrado na página inicial diz:

.....

6. Localizada no interior do Estado da Paraíba, adquiriu notória importância devido a produção de algodão ainda no século XIX, contribuindo para a organização do espaço da cidade para a produção e escoamento em uma ligação entre o sertão Nordeste e o mercado internacional (TORQUATO FERNADES, 2011, p. 34). Na década de 1960 Campina Grande teve um aumento médio da população de 63,64%, passando a ter 207.445, enquanto a capital, João Pessoa, tinha um total de 155.117 habitantes, quadro que muda na década seguinte, quando João Pessoa contabiliza 221.546 e Campina Grande, 195.974 (FERNADES, 2011, p. 50).

O médico paraibano Maurilio Almeida *está sendo acusado de morte do homossexual* Emanuel Dias Fernandes, comerciante, *abatido* na madrugada de segunda-feira, com um tiro no coração, em frente da loja Equipe Center Som, na Avenida Norte, 1987, Santo Amaro na Capital pernambucana.

Maurilio Almeida, que reside João Pessoa, é o principal suspeito do crime, tendo em vista o seu relacionamento anterior com a vítima, segundo informa a imprensa pernambucana.

Segundo suspeitas da polícia, o primeiro desentendimento entre o médico e o comerciante aconteceu no ano passado, quando o dr. Maurilio Almeida conseguiu convencer o menor A.C.M., a acabar com o relacionamento homossexual que mantinha com Emanuel, aceitando tomar conta do apartamento 205 do edifício Santa Rita, mantido apenas para encontros homossexuais, de propriedade do médico paraibano. O segundo desentendimento entre a vítima e o suspeito teria acontecido dias após a morte do estudante Ivanildo José do Nascimento, ocorrida no dia 28 de setembro do ano passado no apartamento do dr. Maurílio Almeida, durante uma “sessão de pico” quando menor morreu, após tomar excessiva dose de Alfacan. (Policial) (DB, 27/08/1980, p. 1, grifos nossos).

No primeiro momento, ao realizar uma leitura superficial, pode parecer que as violências contra homossexuais e travestis passaram a ser denunciadas. Todavia, temos na primeira linha do texto, “O médico paraibano Maurilio Almeida está sendo acusado de morte do homossexual [...]”, onde enxergamos que a preocupação do jornal, voltada para classes mais abastadas. Antes do homossexual abatido é sobre o médico que está sendo acusado de “morte de homossexual” aquilo que será narrado. É curioso que ao invés de palavras como “assassinado”, tenha sido empregado o termo “abatido”, o qual soa de forma menos agressiva e impactante, termo que também refere-se a fraqueza. Mesmo ao se tratar de um atentado contra a vida, o texto segue fazendo uso das palavras de modo a torná-lo mais brando, ao colocar que Maurilio Almeida “está sendo acusado de morte do homossexual”. Fica evidente, portanto, como a classe social destes sujeitos interferem na forma de tratamento e de que modo serão apresentados na matéria.

Ao deixar de se constituir um mero objeto que se perde no silêncio em meio a reproduções daquilo que expõe em suas matérias, o jornal possui propostas que partem muito em virtude do meio em que se insere, que devem ser questionadas e analisadas. Em sua análise, Eder Luis Santana (2018) observa a falta de criticidade presente em matérias que abordem a comunidade LGBT. Contudo, cabe ao pesquisador se atentar ao nó discursivo

presente para compreender que o jornal não é homogêneo. Michel Foucault nos esclarece que, não constituindo numa matéria inerte, o documento “[...] procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações” (Michel FOUCAULT, 2012, p 8).

Na parte superior da página policial, encontra-se a matéria completa sobre o caso. Apresentando o acusado do homicídio enquanto médico e doutor. A vítima Emanuel Dias Fernandes é mencionada enquanto homossexual. Essas formas de denominação dos envolvidos se mantêm no título da matéria completa. Entretanto no texto, o homossexual logo passa ser mencionado enquanto comerciante. Agora, sem fazer menção ao nome do suspeito de ter cometido o crime, passa a ser chamado de indivíduo e criminoso. Apesar do texto ser constituído pelo que seria a descrição de uma testemunha ocular, o vigia José Marques da Silva, podemos nos questionar se a escolha dessas palavras, a fim de não citar o nome do acusado neste momento pelo jornal, não se trataria de não colocar Maurílio Almeida diretamente na cena de seu crime contra Emanuel Dias Fernandes.

O comerciante Emanuel Dias Fernandes, residente no 1º andar do Prédio onde funcionava a loja de acessórios de automóveis, foi morto quando chegava à sua casa, pouco depois da meia-noite, no momento em que descia do veículo. Ao perceber que era vítima de um atentado, o comerciante sacou seu revólver e, deu três tiros.

Depois de matar Emanuel Dias, o indivíduo, de estatura média, cor branca, gordo, vestindo roupa branca, fugiu correndo, em direção ao cruzamento da Avenida Norte com a João Barros, na Encruzilhada. Na fuga, o criminoso foi visto pelo vigia do Dentel (Rua Castro Alves, Encruzilhada), José Marques da Silva, residente na rua da Amizade, em Santo Amaro (DB, 27/08/1980, p. s/n).

Após apresentação do acusado e da vítima, o texto segue apontando um confronto ocorrido entre a vítima Emanuel, o qual teria reagido efetuando três disparos de arma de fogo, contra um indivíduo que supostamente seria Maurílio, principal suspeito de ter cometido o homicídio “[...] tendo em vista seu relacionamento anterior com o comerciante” (DB, 27/08/1980, p. s/n). Para situar o leitor, o texto apresenta dois desentendimentos, os quais poderiam terem levado ao crime.

Segundo suspeitas da polícia Recifense, o primeiro desentendimento entre o médico e o comerciante aconteceu no ano passado, quando o Dr. Maurílio

Almeida conseguiu convencer o menor A.C.M. acabar o relacionamento homossexual que mantinha com Emanuel, aceitando tomar conta do apartamento 205 do edifício Santa Rita, mantido apenas para encontros homossexuais.

O segundo desentendimento entre a vítima e o suspeito teria acontecido dias após a morte de estudante Ivanildo José do Nascimento quando o comerciante Emanuel Dias prestou depoimento ao Delegado José Edson Barbosa, apontando o médico em todas as causas com rapazes, que frequentavam o apartamento do Edifício Santa Rita (DB, 27/08/1980, p. s/n).

Para a polícia da cidade de Recife dois acontecimentos teriam desencadeado o crime. O primeiro seria o que podemos interpretar como falta de fidelidade de Emanuel ao envolver-se com um menor, o qual acabou seu “relacionamento homossexual” a pedido de Maurílio. O segundo acontecimento, poderá nos auxiliar melhor a interpretar o caso. Após a morte de Ivanildo, que teria ocorrido no apartamento alugado por Maurílio, o qual o menor A.C.M. havia aceitado tomar de conta, Emanuel, em depoimento à polícia, aponta o envolvimento do médico em “transações homossexuais”. A transcrição irá seguir conforme o encontrado no material.

Dias depois do caso, o me A.C.M., procurou seu ex-ama Emanuel Dias Fernandes e contou t que havia acontecido no apartame alugado por Maurílio Almeida e que era responsável. Ao prestar depoim to, o comerciante agora assassina contou à polícia todos os detalhes caso inclusive, apontou o envolvi-me médico Pessoaense em transaç homossexuais (DB, 27/08/1980, p. s/n)

A narrativa jornalística-policial toma o posicionamento em defesa da imagem do médico em não o associar de forma direta à homossexualidade, o que não é concedido a vítima, Emanuel Dias. A associação do médico com a homossexualidade se dá via depoimento de Emanuel Dias à polícia antes de ser assassinado, o que poderia ter contribuído para a motivação do crime. Ele, o acusado, poderia ter se sentido manchado, exposto, com uma moral social violada a partir do momento que suas “transações homossexuais” tornaram-se de conhecimento público. Não temos um discurso sobre um possível crime de ódio. A matéria busca construir uma narrativa em cima de uma relação entre médico e homossexual-comerciante perpassada pela noção de infidelidade.

Durante o acompanhar do caso temos dois homossexuais centrais, sendo o comerciante Emanuel Dias assim identificado pelo jornal, enquanto o médico

Maurilio Almeida é descrito em circunstâncias que busca a menor exposição possível de sua imagem (a não menção de seu nome no relato da fuga do autor do crime e a não associação de forma direta com a homossexualidade). Não podemos pensar em um crime devido à sexualidade da vítima por mais que esse marcador se faça presente e possa constituir enquanto um dos elementos os quais levaram Maurilio a cometer o crime. É comum outros elementos serem associados enquanto motivacionais para que tais crimes viessem a ocorrer, como é o caso deste em que a infidelidade teve maior visibilidade.

Ao analisarmos essas matérias em que homossexuais e travestis aparecem, não se trata de menções que atendam a demanda desses indivíduos, mas que visa atender uma demanda social que pensa numa heterossexualidade enquanto normalidade, perpetuando estigmas e preconceitos. O jornal articula a sexualidade desses (as) sujeitos (as) com a classe social que pertencem ao escolher a forma em que serão associados (as) à homossexualidade, a exemplo do caso acima analisado. Temos dois marcadores sociais que convergem, a classe e a sexualidade, e que são usadas pelo jornal a partir de seus interesses que estão dentro de uma ordem a reproduzir e corroborar com preceitos sociais vigentes à época, estes ainda estando presente no tempo atual.

Apesar de situar sua pesquisa entre o período de 2014-2015, o que constata Eder Luis Santana nos serve para observarmos de que modo funciona esse jornalismo, “No caso do jornalismo, os enquadramentos estão postos e pouca margem é deixada para se considerar aspectos que estão além do que foi noticiado. Afinal, os LGBT sequer têm lugar de fala, são silenciados dentro da condição de subalternidade a que estão inseridos” (Luis SANTANA, 2018, p. 28). Assim, o periódico reproduz alguns acontecimentos atendo-se não exclusivamente ao que ocorreu, como, onde e quando, mas a construir narrativas fechadas em si e sem maiores diálogos com outros meios, limitando-se aos discursos policiais.

### **O caso de Vânia, travesti campinense assassinada na cidade de Bayeux – JP**

“Vânia” – o mais popular travesti campinense diz a legenda da imagem que a exhibe sentada, cabelo comprido preso no chamado “rabo-de-cavalo” e o rosto levemente virado de lado sem expressar quaisquer reações. Na matéria publicada em capa inicial, no dia 18 de dezembro de 1981, temos o título

“Travesti morre após atentado”, acompanhada de uma imagem com a legenda “O travesti “Vânia””.

O conhecido travesti campinense Vanaldo Pereira da Silva, “Vânia”, morreu no hospital Antonio Targino, após sofrer de um atentado a faca na cidade de Bayeux. Um desconhecido investiu contra “Vânia” com uma faca peixeira, tendo ele segurado a arma com as mãos, recebendo um profundo golpe. No hospital “Vânia” foi acometido de tétano e morreu (DB, 18/12/1981, p. 1).

O pequeno texto apresenta uma breve narrativa acerca do atentado contra a travesti conhecida por Vânia, noticiada enquanto Vanaldo Pereira da Silva, ocorrido na cidade de Bayeux – JP. O crime teria ocorrido naquela cidade, onde a vítima havia sido atacada por um desconhecido que empunhara uma faca peixeira contra ela, tendo sido golpeada e faleceu no hospital Antonio Targino, localizado na cidade de Campina Grande – PB, “acometido de tétano”. A matéria na íntegra encontra-se na “8ª página – I caderno”, a qual não possui identificação se seria uma página policial (acreditamos que sim, tendo em vista que a página policial tende a ser nas páginas 7 ou 8 nas edições até aqui analisadas), com o título “Travesti ferido em Bayeux morreu no HAT”<sup>7</sup>.

Faleceu no Hospital Antonio Targino, o travesti, Vanaldo Pereira da Silva, Vânia, que atualmente estava residindo na cidade de Bayeux. Ele foi vítima de atentado a faca por um seu conhecido, cuja identidade não foi revelada aos pais da vítima antes de morrer.

Segundo o pai do travesti, ele gostava muito de viajar e estender amizade a todos quantos encontrassem, fazendo logo uma aproximação mais aconchegante. Aconteceu que quando (sic) Vânia deslocou-se de sua residência com destino à praia, entrou num determinado bar, e foi recebido com pilhérias partidas pelo indivíduo que estava bebendo numa das mesas do botequim (DB, 18/12/1981, p. 8).

Segundo a matéria o crime teria ocorrido em um botequim, na cidade de Bayeux, quando, ao adentrar no recinto, Vânia, também mencionada pelo redator enquanto “pederasta”, foi alvo de agressões verbais, “[...] recebido

.....

7. Devido a estrutura em que se encontrava o caderno utilizado para pesquisa, que continha as edições do jornal, algumas frases encontram-se incompletas, devido as páginas estarem coladas de forma a formar o caderno. Todavia, apesar de algumas palavras estarem incompletas, o sentido do texto não se perde. A transcrição irá seguir conforme o encontrado no material.

com pilhérias...”, por parte de um indivíduo que “[...] estava bebendo numa das mesas...”, as quais revidou, vindo a ser agredida com uma faca-peixeira em seguida pelo mesmo.

Alguns elementos presentes, para além da descrição do ocorrido, são dignos de análise por nos possibilitarem maiores problematizações e melhor entendimento das circunstâncias sociais que cercam a vítima. Fazendo uso de declarações do pai, o texto narra que a vítima se envolveria facilmente com “desconhecidos”, fazendo amizades e logo com uma “aproximação mais aconchegante”, o que pode vir a ser referência a relações afetivas/sexuais. Essa construção de sua imagem enquanto sujeita de fácil envolvimento, ao anteceder suas “andanças” que a levariam ao botequim, constrói um cenário no imaginário social que seria propício para que violências ocorram: uma travesti circulando livremente e se relacionando com “todos quanto encontrassem”, culminando com sua chegada ao botequim, lugar em que ocorre o crime.

Ao longo da pesquisa temos observado a menção a espaços que em algum momento tiveram relação com homossexuais e travestis. Agora, o botequim é mencionado nessa relação e, não por acaso. Pois, ele faz parte do cotidiano de classes pobres e é lugar, também, onde ocorrem conflitos entre os trabalhadores. Sidney Chalhoub, ao escrever *Trabalho, lar e botequim* (2012), reconstrói o cotidiano de sujeitos da classe operária a partir da ênfase atribuída aos conflitos que ocorriam no dia-a-dia relacionando com a macro-história quando coloca as relações sociais desses trabalhadores pensadas dentro de mudanças sociais significativas, tais quais o processo de modernização do Rio de Janeiro por meio da reforma urbana implantada pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX. Para tanto, ele faz uso de um terceiro espaço para além da casa e do trabalho, o botequim, um espaço que irá fugir da ideologia de trabalho que passa a ser construída naquele período.

O que nos interessa saber é que ao invés de seguirem uma rotina previamente estabelecida trabalho-casa-trabalho, esses trabalhadores fogem desse ciclo para um espaço que passa a constituir, também, enquanto local de sociabilidade, sejam elas conflitantes ou não. É possível pensarmos no botequim enquanto um espaço de resistência frente ao modelo social que lhes é imposto, na medida em que eles expõem seus comportamentos reprimidos por uma moral burguesa. É neste espaço que Vânia, sendo alvo de pilhérias, irá revidar, entrando em confronto com aquele culpado de sua morte. A transcrição irá seguir conforme o encontrado no material.

Sem gostar dos termos que seu algoz estava usando, o pederasta revidou com palavras de baixo calão, recebendo em consequência do atrito a ameaça de esfaqueamento, tendo o citado hom (sic) sacado sua faca-peixeira e investido tra (sic) Vanaldo, e a segurou com as ma (sic) recebendo um olpe (sic) muito profundo.

A turma do deixa disso partiu para e logo apartou a briga, tendo o agres fugido ao notar que Vanaldo se enc (sic) trava ferido, enquanto que a vítima socorrida para o Hospital, onde rec (sic) os primeiros cuidados médicos.

Quando melhorou, 'Vânia' avisou seus familiares que residem na rua raíba (sic), nº 257, no bairro da Liberdade, n ta (sic) cidade, que tinha sido ferido, tem mesmos providenciado a remoção paciente para o Hospital Antonio Targ (sic) local que veio a morrer depois de acometido de tétano.

A polícia de Bayeux registrou a oco cia (sic) e, segundo afirmou o genitor Vana vai apurar minuciosamente o crime de foi vítima o seu filho (DB, 18/12/1981, p. 8).

Ao contrário de matérias com títulos intensos quando se referem a supostas desordens causadas por travestis e homossexuais, “Travesti ferido em Bayeux morreu no HAT” apresenta uma relativização do caso. A chamada para a matéria torna-se menos sensacionalista. Ela apresenta uma menor gravidade do ocorrido. A relativização também pode ser percebida quando o agressor fez uso de pilhérias, ou seja, fez uso de um conjunto de palavras com a intenção de provocar o riso, uma forma de brincadeira. A palavra pilhéria também tem seu significado relacionado ao humor, entretanto, nas relações cotidianas elas também são utilizadas de forma a insultar. Em momento algum há a problematização dessa agressão enquanto ocorrida por se tratar de discriminação contra Vânia. Outros frequentadores que se encontravam no local, a “turma do deixa disso”, tentaram apartar a briga, porém a vítima já se encontrava ferida e o agressor, fugido. Vânia é trazida para um hospital na cidade de Campina Grande – PB. Mesma cidade em que residem seus familiares, onde vem a óbito acometida de tétano.

O jornalista Eder Luis Santana faz uma análise de suma importância para compreendermos a forma como esses crimes são noticiados, ou seja, sempre a partir de uma instituição enquanto protagonista, a polícia, e de modo a culpabilizar a vítima na medida em que a relaciona com o “mundo gay”. Como é o caso de Vânia que gostava de viajar e fazer uma “aproximação mais aconchegante” com quem encontrava. Novamente encontramos uma matérias que faz uso de discurso policial como principal fonte e articula com o “comportamento sexual de risco” da sujeita, assim, não é levado em consideração o processo social que

teria levado ao que seria “comportamento sexual de risco” (SANTANA, 2018, p. 148-149), dessa forma a vítima é culpabilizada neste caso as andanças de Vânia.

### **Considerações finais**

Após analisarmos estes dois casos em que Emanuel Dias Fernandes e Vânia foram vítimas de violências, constatamos que sexualidade e gênero constituíam enquanto elemento no qual os crimes giram em torno. Seja durante as execuções de ações violentas contra esses (as) sujeitos (as), culminando em suas mortes, seja por parte do jornal ao ressaltar suas sexualidades, nos títulos e no corpo das matérias.

Não resultando em denúncias, por parte da polícia, do jornal ou de civis, de que esses crimes possam ter ocorrido por discriminação, o periódico passa a noção de unidade de que o principal motivo para tais crimes, como é o caso do primeiro caso aqui discutido, teria ocorrido por ciúmes.

Percebe-se, então, como os crimes passionais escondem nuances do preconceito que deixam de ser explorados pelo jornalismo. A paixão, o ciúme e outros sentimentos atribuídos a esse tipo de crime estão envoltos em aspectos da abjeção de corpos e do regime de vulnerabilidade (SANTANA, 2018, p. 159).

Fica evidente que a posição social desses (as) sujeitos (as) influência na forma de tratamento dada pelo jornal. Enquanto temos Maurílio Almeida, o médico acusado de ter assassinado o comerciante Emanuel Dias Fernandes, construído dentro de uma narrativa que ressalta sua formação enquanto médico e não o associa a homossexualidade, o mesmo não ocorrer com a vítima, contribuindo para a construção de situações e ambientes propícios, pela imprensa, para que tais crimes viessem a ocorrer, como é o caso do qual foi alvo Vânia.

Ao problematizarmos essa unidade de forma discursiva que se pretende o jornal, temos, no primeiro contato, o discurso repressivo sob todo aquele que se pretende ocultar, pois o não dito encontra-se articulado (FOUCAULT, 2012, p. 30). Em meio ao nó em uma rede (FOUCAULT, 2012, p. 28), encontramos substâncias, seja no discurso jornalístico em si, seja no contexto histórico no qual se insere, que nos permitem afirmar ações contra esses indivíduos. O que observamos no jornal quando ele discorre sobre esses crimes, e possíveis direções que seguem as investigações dos mesmos, é a unidade de um discurso que não necessariamente resulta na singularidade

do objeto. Ou seja, por mais que estes crimes sejam colocados de forma alinhada, a partir objetos que partem de um espaço, o jornalístico-policial, ele cria a unidade de um discurso sobre indivíduos que não são singulares (FOUCAULT, 2012, p. 40).

Apesar de nossas análises não terem incluído raça, categoria analítica de suma importância, em virtude da fonte utilizada, constatamos como as sexualidades dissidentes e as distinções de níveis sociais, a classe, na medida em que temos populares sendo violentados (as), em regiões do Nordeste, articulam-se em ações e formas discursivas que versam sobre estes (as). Assim, a análise interseccional, nos permitiu enxergar e compreender essas articulações, de forma não hierárquica, que compõe os (as) sujeitos (as), que aqui foram mencionados (as), e o meio social no qual se inserem (AKOTIRENE, 2019, p. 43).

## Referências

- MÉDICO paraibano acusado de morte de homossexual. *Diário da Borborema*, Campina Grande – PB. 27 de ago. 1980.
- TRAVESTI morre após atentado. *Diário da Borborema*, Campina Grande – PB. 18 de dez. 1981.
- TRAVESTI ferido em Bayeux morreu no HAT. *Diário da Borborema*, Campina Grande – PB. 18 de dez. 1981.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CORDÃO, Michelly P. De Sousa. *O jogo político da democracia: a luta simbólica no fim da ditadura brasileira*. Curitiba: Appris, 2018.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: UNICAMP, 2012.
- CRENSHAW, kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X20002000100011/0>> Acesso em: 08 maio. 2021.
- DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio de periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERNANDES, Silvana Torquato. *Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960-1980)*. 2011. Dissertação (Programa

de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2019.

NASCIMENTO, Letícia C. Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. Práticas repressivas e resistências das homossexualidades nos discursos do jornal Diário da Borborema na cidade de Campina Grande (1975-1982). 2020. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *Homossexualidades e ditaduras militares: os casos de Brasil e Argentina*. Disponível em: [www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275391766\\_ARQUIVO\\_Passamani.Completo.FG9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275391766_ARQUIVO_Passamani.Completo.FG9.pdf) Acesso em: 01 jul. 2019.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. “A análise do documento: crítica interna e externa da fonte”. In: *História e documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANTANA, Eder Luis. *LGBT como pauta do jornalismo: visibilidade e limitações*. Salvador: Devires, 2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

*Recebido em 2 de agosto de 2021.*

*Aprovado em 3 de setembro de 2021.*